

Eneida Maria de Souza. Uma intelectual

Camila Torres

Edgar César Nolasco

Curso de Letras, UFMS

camilatorres@gmail.com

ecnolasco@uol.com.br

Resumen

El texto abajo hace parte de un trabajo de búsqueda mayor sobre la crítica, autora e intelectual Eneida Maria de Souza. Lo que sigue es una pequeña trayectoria de la historia cultural brasileña que ha pasado por muchos años sobre la influencia de países colonizadores que han impuesto sus valores aquí (Brasil). A partir de la discusión inicial llegamos a los problemas que Eneida Maria de Souza escribe en sus textos y que han fomentado un debate académico y social en Brasil haciendo un discurso epistemológico sobre la teoría literaria, la academia y sociedad. Destacamos la importancia de la autora y hablamos del porqué consideramos a la misma como una intelectual. Entonces utilizamos como base teórica los textos de Edward Said y Beatriz Sarlo respecto de la función y actuación del intelectual en la sociedad, haciendo así paralelos con autores consagrados como Virgínia Woolf y Edward Shills. La discusión pasa también por lo que llamamos marginalidad en la literatura, ya que Eneida Maria de Souza habla de un grupo pequeño y excluido que son los intelectuales; porque habla del Brasil, que es un lugar fuera del eje; y porque Souza es mujer.

Abstract

The text below is just a piece of a larger research about the critical, author and intellectual Eneida Maria de Souza. The main purpose of this text is to show a small trajectory of Brazilian cultural history which has happened for many years under the influence of colonizer countries which imposed their values here (Brazil). From initial discussion to the problems we got Eneida Maria de Souza writes in her texts and have fostered in social and academic debate in Brazil making an epistemological discourse on literary theory, at university and society. We emphasize the importance of the author and talk about why we consider her as an intellectual. Then we used some theoretical texts and Edward Said Beatriz Sarlo to respect the role and actions of the intellectual in society, making parallels with established authors like Virginia Woolf and Edward Shills. The discussion also involves what we nominate marginality in literature whereas as Eneida Maria de Souza is speaking from a small group of intellectuals who are excluded, she speeches from Brazil, which is an off-axis, and because Souza is female .

Algumas considerações

Antes entendo que quando se levam em conta traços culturais, biográficos do sujeito escritor, ou seja, quando se toma vida e ficção nas mesmas proporções, pode-se fazer uma leitura crítica melhor culturalmente falando.

NOLASCO (2007: 24)

Por décadas o Brasil recebeu de braços abertos os modelos culturais, econômicos e sociais europeus e seguiu as tradições dos países colonizadores. É claro que a Europa não foi único pólo de influência, sobretudo no que diz respeito aos movimentos financeiros. A dependência econômica pela qual passamos acabou nos sujeitando a aceitar e depois concordar com a ideia de que tudo que vinha de fora era melhor e nesse sentido, desde que Dom Pedro chegou às terras brasileiras acabamos importando os ideais de um país (ou de vários países), cuja história já havia sido consolidada e chegamos num tempo onde o que se produzia aqui era simplesmente descartado. E nós mesmos, ainda que sem intenção, contribuimos para que tudo rumasse ao fracasso. Principalmente quando tratamos do aspecto cultural. Na ânsia de estarmos ligados de uma forma ou outra ao que até hoje ainda chamam de belo, nos deixamos levar por uma cultura elitizada sem nos preocuparmos com a nossa.

Se colocarmos em destaque a Teoria da Literatura, percebemos que não foi diferente. Como sempre, voltamos nosso olhar para o hemisfério norte do globo. Se dissermos que as influências estrangeiras não foram importantes para nosso crescimento intelectual, estaríamos mentindo, mas a problemática não se prende na questão de influenciar ou não nossa cultura. A maior preocupação se deu no sentido de estarmos tão ligados ao “de fora” que acabamos nos esquecendo de produções internas. Colocamos em nossas academias bases estruturalistas cercadas por uma “blindagem” que impedia que qualquer outra ideia “transgredisse” os estudos que já haviam se consolidado. Assim, estivemos sendo educados a privilegiar o cânone e junto dele pautar nossos discursos que partiam da questão do gosto, a partir da concepção que “gosto se educa”. Depois de muito tempo, toda essa noção de literatura acabou entrando colapso. Isso porque, ao se depararem com os discursos da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais os estudiosos também entraram em choque, já que tudo o que estavam vendo era muito diferente do que até então eles entediavam por Teoria. É nesse cenário caótico brasileiro que se destaca Eneida Maria de Souza. A intelectual foi fundamental já que abre nossos olhos para mostrar o momento problemático no qual estávamos inseridos. Assim, no ensaio “A teoria em crise” pontua o porquê e como chegamos ao que a autora interpretou como crise. É desse discurso que o cenário crítico na academia toma novos rumos e nos faz pensar em Eneida Maria de Souza como *crítica cult*, tal como a mesma intitula um de seus livros mais famosos.

A razão de tratarmos Souza como uma intelectual *cult* é justamente pelo fato de que a autora está além de muitos intelectuais de seu tempo. Aliás, poderíamos tratá-la, somente, como intelectual contemporânea, mas analisando os ensaios da mesma, o que se percebe é que eles estão muito à frente das “premissas da teoria contemporânea” (Avelar, 2010: 55). Neste sentido, o texto que segue tem como base teórica autores como Edward Said, Beatriz Sarlo, Silviano Santiago, bem como os Cadernos de Estudos Culturais e os ensaios da própria Souza.

Qualidades intelectuais

Na profusão de estudos sobre intelectuais tem havido demasiadas definições do intelectual, e pouca atenção tem-se dado à imagem, às características pessoais, à intervenção efetiva e ao desempenho, que, juntos, constituem a própria força vital de todo verdadeiro intelectual.

SAID (1993: 27)

A epígrafe que abre este subtítulo só vem comprovar, pelos olhos de Edward Said (2003) que os estudos sobre os intelectuais são muitos e estão sempre em destaque nos discursos acadêmicos. De uma forma muito particular, gosto de Eneida Maria de Souza porque a sua preocupação ultrapassa os limites da academia. Quer dizer, se hoje tratamos Souza como intelectual é justamente porque a mesma se envolve com as questões sociais, ou melhor, se vale do discurso acadêmico para colocar em destaque algumas problemáticas. O que não poderia ser diferente, pois, como intelectual, acaba por representar a sociedade. Ora, o intelectual é:

um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e seus interesses. A questão central (...) é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. (Said 1993: 25)

Ou seja, além de articular suas indagações, o intelectual não pode esquecer-se de que ele fala por uma classe, uma comunidade, a sociedade em geral. Uma tarefa muito difícil, por sinal. Porque estar no papel de representante não significa estar numa “zona de conforto”, pelo contrário. Fazendo um paralelo, com o que Said trava sobre Virgínia Woolf (1993: 45) e o que sabemos de Eneida Maria de Souza, o que se percebe é que da mesma forma que Woolf se vale da vulnerabilidade e argumentação para falar da mulher, Souza também se coloca no ponto de desconforto, já que coloca em xeque as problemáticas que envolvem “a sua classe” –os críticos, os professores, intelectuais– e juntamente consegue trabalhar em cima dessas discussões argumentos que visem melhorar os pontos sobre os quais discute.

Agindo dessa forma, o intelectual passa também a encarar a dura realidade de se encontrar, neste mesmo lugar que ele representa, como um sujeito marginalizado. E no caso de para Eneida Maria de Souza um ser triplamente marginal. Primeiro, e maior fator de todos, por ser uma intelectual, já que se vale da linguagem para tentar mostrar o que a mesma considera como verdade das coisas. Em segundo lugar, o lugar de onde a intelectual fala: Brasil – América Latina. Lugar este “fora do eixo”, lugar que sempre recebeu, como dissemos na introdução, influências europeias e norte-americanas. E por fim, mas não menos importante, está à margem pelo fato de ser mulher.

Esta tríade, por si só, constrói em Eneida traços de intelectualidade fortíssimos. Mas vale ressaltar que Souza também usa da crítica, da sua noção de valor e da linguagem em (a favor de) seus textos. Daí, penso eu, a autora se valer de ensaios para explanar suas verdades, talvez pela liberdade de escrita que tem tal gênero e também porque por ele pode-se deixar pequenas pontas que se tornam novas discussões. O que não permite que o debate morra. Dessa forma, Eneida Maria de Souza acaba por estar sempre reciclando e trazendo novas considerações para a Teoria da Literatura, para a academia e para a sociedade.

Said comenta também sobre uma fala de Edward Shils (1993: 46-47) e discorre sobre ela pontuando que o intelectual moderno está necessariamente “contra as normas vigentes” ou/ e contra o *status quo*. Pensando especificamente em Souza, deve-se ponderar que autora é uma intelectual da contemporaneidade e que seu discurso não passa mais pela questão de estar/ ser contra. O que quero dizer é que a nossa conversa

não se centra mais, ou melhor, não consegue espaço nessa questão, simplesmente, porque na nossa real situação não temos mais estampado: é ou não proibido. É claro que a ideia de valores ainda está impregnada na sociedade. Mas nossa abordagem também não passa por esse tópico. Isso porque o que se deve levar em consideração é o fato de que a função dos intelectuais é incomodar, independente de estar contra ou não alguém ou alguma coisa. Porque, por exemplo, Souza, não é contra o estruturalismo, mas sim, contra a forma como ele tem sido estudado. Ou seja, o intelectual mesmo não tendo as mesmas opiniões que alguém, não pode negar que essas opiniões contrárias às suas existem. Trata-se de uma questão, de convivência, de respeito, de política.

Considerações finais

Os verdadeiros intelectuais nunca são tão eles mesmos como quando movidos pela paixão metafísica e princípios desinteressados de justiça e verdades denunciam a corrupção, defendem os fracos, desafiam a autoridade imperfeita ou opressora.

SAID (1993: 21)

A epígrafe acima exprime muito do que enxergo como intelectual(idade). Revela um intelectual descompromissado em fazer crítica. Descompromissado, no sentido de não ter a obrigação de dizer o que diz, mas no sentido de se incomodar e externalizar suas preocupações, simplesmente porque elas estão dentro de si. É nesse ponto que se pode perceber Eneida Maria de Souza. Os discursos tecidos pela autora são de uma personalidade ímpar. Porque a mesma consegue traduzir em palavras as impressões que tem do meio no qual está inserido.

Como já dissemos, falar de intelectuais é entrar em um campo vastíssimo de possibilidades a trabalhar. Mas tratar de Souza é ímpar porque quando falamos em Souza, falamos de uma intelectual completa. Não pende para lado nenhum, leva seu discurso aquém do que imaginaríamos ser suficiente. Não se deixa abater pelo marasmo da academia, nem pelo comodismo da sociedade. Quando falo em completude intelectual, quero dizer que todos o traços que um intelectual precisa ter, Souza tem. E mais, não se restringe a eles. Porque, no fim das contas, ser intelectual é muito mais que ter de representar um público. É estabelecer um diálogo consigo mesmo.

Bibliografia

Avelar, Idelber. “Crítica literária e valor estético”. *Cadernos de Estudos Culturais*. V. 2, n. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, Jan/Jun 2010 pp. 51-61.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2, n. 4. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

Mattos, Patrícia Junqueira. *O perfil intelectual do escritor pós-moderno Silvano Santiago*. 152 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, MS, 2008.

Nolasco, Edgar César. *Caldo de cultura: a hora de estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

Said, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*; tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Sarlo, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

Souza, Eneida Maria. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. *A pedra mágica do discurso*. 2ª ed. rev e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. São Paulo: Linear B. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007 (Coleção Obras e Dobras).